



AS GREVES FEMINISTAS NA ARGENTINA: UMA LEITURA DA POTÊNCIA FEMINISTA A PARTIR DA TEORIA DOS AFETOS DE SPINOZA

FEMINIST STRIKES IN ARGENTINA: A READING OF FEMINIST POWER FROM SPINOZA'S THEORY OF AFFECTS

Fernanda Andrade Almeida*

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a atuação dos movimentos feministas na Argentina nos últimos anos, a partir da teoria dos afetos de Spinoza. Serão destacadas, em especial, as greves feministas ocorridas no país nos anos de 2016 a 2019, tendo como referência inicial a leitura do movimento grevista feita pela teórica feminista argentina Verónica Gago, em seu livro *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. Em seguida, serão analisados alguns conceitos espinosanos trabalhados na terceira parte da *Ética*, relacionando-os com a temática em estudo. Conclui-se que a teoria de Spinoza é importante para pensar a potência, a ação, o desejo e a luta política na greve feminista.

Palavras-chave: Feminismo latino-americano. Greves Feministas. Teoria dos Afetos. Spinoza.

Abstract: The article aims to analyze the performance of Argentina feminist movements in recent years, based on Spinoza's theory of affects. In particular, the feminist strikes that took place in the country in the years 2016 to 2019 will be highlighted, having as an initial reference the reading of the strike movement made by the Argentine feminist theorist Verónica Gago, in her book *Feminist power or the desire to transform everything*. Next, some Spinoza concepts worked on in the third part of *Ethics* will be analyzed, relating them to the theme under study. It is concluded that Spinoza's theory is important for thinking about power, action, desire and political struggle in the feminist strike.

Keywords: Latin American feminism. Feminist Strikes. Affect Theory. Spinoza.

* Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais (PPGSD/UFF). Professora Associada da Universidade Federal Fluminense. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional (PPGDC/UFF). E-mail: faalmeida@id.uff.br



INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo analisar a atuação dos movimentos feministas na Argentina nos últimos anos, a partir da teoria dos afetos de Spinoza. Serão destacadas, em especial, as greves feministas ocorridas no país nos anos de 2016 a 2019, tendo como referência inicial a leitura do movimento grevista feita pela teórica feminista argentina Verónica Gago, em seu livro *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*.

Mas, em que medida o pensamento de Baruch Spinoza, um filósofo holandês do século XVII (ele nasceu em 1632, na Holanda, e faleceu em 1677), poderia contribuir para a análise do movimento feminista latino-americano atual?

Embora tenha tido uma vida curta – viveu apenas 44 anos – o filósofo escreveu diversas obras relevantes para o pensamento ocidental, sendo a principal delas a *Ética Demonstrada Segundo a Ordem Geométrica*, publicada postumamente, em 1677, ano da morte do autor. Convém destacar, logo de início, a “inquietação intelectual” de Spinoza, característica que o levou a dialogar com filósofos importantes que o antecederam, em especial com as teorias de René Descartes. Em razão das divergências causadas por suas posições polêmicas, foi excomungado e amaldiçoado em 1656¹.

Na atualidade, as ideias espinosanas continuam sendo bastante difundidas e discutidas. Estudos contemporâneos utilizam o pensamento do autor – e principalmente a sua teoria dos afetos – para trabalhar temas variados. Isso porque “a filosofia de Spinoza apresenta novas maneiras de enxergar a vida, nos coloca novos problemas existenciais, nos faz pensar novas perspectivas e novas maneiras de encarar o mundo”².

No âmbito da temática aqui proposta – que diz respeito à atuação dos movimentos feministas – a filosofia de Spinoza pode ser bastante útil para pensar a dimensão do corpo na política e a potência gerada a partir dos encontros entre mulheres.

Observa-se aqui uma relação com a questão da liberdade, na medida em que agir livremente significa selecionar os encontros. Assim, “a filosofia da ação de Spinoza pressupõe que o sujeito tenha uma atitude ativa no sentido de se esforçar para propiciar bons encontros, que produzam alegrias, aumentem a potência de agir, afastem-no das

¹ SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. *Kínesis*, v. XII, n. 33, p. 198-212, dez. 2020.

² SANTOS; RIBEIRO, 2020, p. 199.



tristezas que a diminui”³. A liberdade, portanto, “encontra-se na constituição de um espaço em que o ente humano possa exprimir sua potência”⁴. Nesse sentido, “sair do território da servidão é entender as causas dos encontros e neles exercitar caminhos de liberdade. A Ética não é um tratado moral, mas uma máquina de guerra contra a tirania”⁵.

A teoria de Spinoza, portanto, ao incluir os afetos na política, permite compreender de forma simultânea fenômenos individuais e fenômenos político-institucionais⁶.

Na próxima seção será feita a contextualização e análise das greves feministas que ocorreram na Argentina no período de 2016 a 2019, destacando-se a leitura feita pela teórica feminista Verónica Gago sobre o movimento. Em seguida, serão analisados alguns conceitos espinosanos trabalhados na terceira parte da *Ética*, relacionando-os com a temática em estudo.

#TrabajadorasSomosTodas: AS GREVES FEMINISTAS NA ARGENTINA

Os feminismos latino-americanos do século XXI, embora englobem diferentes perspectivas conceituais e políticas, caracterizam-se, de maneira geral, por serem movimentos massivos, protagonizados por milhares de mulheres que ocupam praças e ruas em diversas cidades do continente, destacando-se, ainda, a presença de mulheres mais jovens nessas mobilizações⁷.

A massividade pode ser exemplificada, no Brasil, por importantes mobilizações ocorridas nos últimos anos, como a Marcha das Margaridas (ocorrida em 2000, 2003, 2007 e 2011), a Marcha das Vadias (2011 e 2012), a Marcha Nacional das Mulheres Negras (2015) e as manifestações “Ele não” (2018). No Chile, destacaram-se os movimentos de mulheres gestados em Universidades, com ápice em 2018, quando esses espaços foram ocupados para denunciar situações de assédios que vinham ocorrendo no ambiente acadêmico⁸.

³ SANTOS; RIBEIRO, 2020, p. 206.

⁴ SANTOS; RIBEIRO, 2020, p. 205.

⁵ SANTOS; RIBEIRO, 2020, p. 201.

⁶ RAUTER, Cristina. Do Medo do Crime à Rebelião: Algumas Indicações para Pensar a Experiência Coletiva Brasileira a partir da Filosofia de Spinoza. **Revista Polis e Psique**, v.3, n. 2, p. 151-161, 2013.

⁷ BARRANCOS, Dora. Feminismos latino-americanos do século XXI. In: BARRANCOS, Dora (org.). **História dos feminismos na América Latina**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 217-266.

⁸ BARRANCOS, 2022.



Todavia, é na Argentina que podemos observar a maior força dos movimentos feministas latino-americanos. Destaca-se, no país, a forte campanha pelo aborto legal, seguro e gratuito. É relevante apontar também o movimento *#NiUnaMenos*, iniciado em 2015, a partir de uma mobilização impulsionada pelo alto número de feminicídios⁹. Em acréscimo, temos as greves feministas ocorridas no período de 2016 a 2019, que tiveram repercussão internacional e serão aprofundadas adiante.

Inclusive, o internacionalismo é apontado como uma das novidades do movimento feminista contemporâneo. Verónica Gago destaca, sobre esse movimento, “[...] o fato de ter se convertido em um fenômeno mundial que emerge do Sul. Sua força está enraizada na América Latina [...], em múltiplas camadas de histórias, lutas, movimentos, organizações”¹⁰. O internacionalismo formado a partir daí, de acordo com a autora, “desestabiliza as escalas, os alcances e as formas de coordenação de um movimento que, por estar situado, cresce sem perder a força”¹¹.

É importante destacar que o aspecto do internacionalismo não se confunde com a busca de uma unidade ou com a abstração das lutas. Tampouco possui uma estrutura partidária ou centralizada, como poderia sugerir o título de um texto lançado pelo Coletivo *NiUnaMenos*, em 25 de novembro de 2016, em meio a mobilizações contra a violência contra as mulheres: *#LaInternacionalFeminista*, em alusão à Internacional Comunista¹².

Assim, Gago sugere a expressão *ubiquidade* para caracterizar a força do feminismo atual, palavra que traduziria de forma mais precisa a capacidade do movimento de estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Assim, a força viria a partir do encontro de lutas, da conexão de conflitos e experiências, o que permitiria tornar mais rica cada experiência concreta, mas sem enfraquecê-la em favor de uma abstração ou unidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que o movimento se organiza em cada espaço, repercute nos outros lugares, mas não abandona suas raízes¹³.

O livro de Verónica Gago analisado aqui – *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo* – apresenta, já no título, alguns referenciais que serão essenciais no decorrer da análise empreendida pela autora, e que permitem atestar a força concreta do feminismo. “Potência” e “desejo” são palavras que poderiam sintetizar a obra, que,

⁹ BARRANCOS, 2022.

¹⁰ GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020. p. 217.

¹¹ GAGO, 2020, p. 217.

¹² GAGO, 2020.

¹³ GAGO, 2020.



em uma investigação assumidamente militante, empreende um “pensar situado”, nascido no seio dos movimentos feministas ocorridos na Argentina nos últimos anos, em particular de dentro da dinâmica organizativa das greves feministas¹⁴.

A potência feminista, para Gago, caracterizaria uma teoria alternativa do poder ou o desenvolvimento de um contrapoder. A teórica parte ainda da premissa de que o desejo possui um potencial cognitivo, o que é expresso na consigna *#NosMueveElDeseo*, originária das manifestações feministas na Argentina e impulsionada pelo Coletivo *NiUnaMenos*¹⁵.

Na introdução da obra fica expressa a relação do texto com a teoria de Spinoza:

A potência, como a própria noção que vai de Spinoza a Marx e mais além, nunca existe desapegada de seu lugar de enraizamento, do corpo que a contém. Por isso, potência feminista é potência do corpo como corpo sempre individual e coletivo, e em variação; isto é, singularizado. Mas, além disso, a potência feminista expande o corpo graças aos modos como é reinventado pelas lutas de mulheres, pelas lutas feministas e pelas lutas das dissidências sexuais que uma e outra vez *atualizam* essa noção de potência, reescrevendo Spinoza e Marx¹⁶.

A autora utiliza a greve feminista como uma lente que permite, em um *sentido analítico*, questionar as definições de trabalho e classe trabalhadora apoiadas na homogeneidade e unidade oriundas do marxismo, permitindo descortinar o regime de invisibilidade a que estão submetidas outras formas de trabalho: não somente o trabalho realizado por mulheres e corpos feminizados, mas o trabalho precarizado como um todo. Ademais, a greve feminista possibilita, em um *sentido prático*, deslocar as mulheres da condição de vítimas e excluídas, adjetivos nos quais geralmente se amparam os discursos sobre elas. Assim, a greve se materializa como um poderoso instrumento de luta¹⁷.

A greve feminista é compreendida aqui não como um acontecimento, mas como um processo que é simultaneamente “político, subjetivo, econômico, cultural, artístico, libidinal e epistêmico”. Trata-se de um processo de “invenção, rupturas e, ao mesmo tempo, acumulação de forças”¹⁸.

A análise desse processo, como visto acima, é feita a partir de um “pensar situado”, que é feminista, parcial e internacionalista. Nesse sentido, a investigação parte

¹⁴ GAGO, 2020.

¹⁵ GAGO, 2020.

¹⁶ GAGO, 2020, p. 10-11.

¹⁷ GAGO, 2020.

¹⁸ GAGO, 2020, p. 13.



de uma experiência singular, sem desconsiderar a importância da greve enquanto ferramenta que serviu para impulsionar internacionalmente o movimento feminista. Outrossim, considera que a potência do pensamento sempre tem corpo, individual e coletivo¹⁹.

A primeira greve na Argentina, em outubro de 2016, foi influenciada pelas mobilizações contra os feminicídios ocorridas no país, que se transformaram, pouco tempo depois, em um movimento radical que permitiu politizar as violências contra as mulheres. Isso porque a greve possibilitou conectar as violências contra mulheres e corpos feminizados às violências econômicas – relacionadas ao processo de acumulação capitalista – dando visibilidade a experiências e subjetividades que não fazem parte do conceito tradicional de trabalhadores e, muito menos de “classe” trabalhadora. Assim, a greve feminista permitiu valorizar e dar visibilidade aos diversos tipos de trabalho – precário, informal, doméstico, imigrante –, considerando a heterogeneidade que está além do trabalho assalariado – foco privilegiado da greve tradicional – e evidenciando o atual contexto de exploração e extração de valor, para além do “privilégio” do salário²⁰.

Pode-se compreender da análise acima que a greve feminista ressignifica a própria noção de greve, na medida em que esta, em seu sentido tradicional, tem como referência o trabalho livre, remunerado, assalariado, sindicalizado e masculino. A greve feminista, portanto, problematiza essa noção.

Por outro lado, politizar as violências a partir da greve significa, primeiramente,

[...] tomar a greve enquanto uma ação que nos situa como sujeitos políticos frente à tentativa sistemática de reduzir nossas dores à posição de vítima a ser reparada (em geral, pelo Estado). Ser vítima, portanto, requer fé estatal e demanda a existência de redentores. A greve nos coloca em situação de luta. Não esquece o luto, mas nos retira do ‘estado’ de luto²¹.

Assim, retira-se o foco da subjetividade das vítimas para a subjetividade que se constitui nas lutas e encontros com outras.

[...] A greve feminista responde com uma ação e uma linguagem política a um modo de violência contra as mulheres e os corpos feminizados que pretende nos neutralizar e nos anular politicamente, que pretende nos confinar enquanto vítimas (que, ademais, são quase sempre indiretamente culpabilizadas pelas violências de que padecem). Com a ferramenta da greve, de parar as nossas

¹⁹ GAGO, 2020.

²⁰ GAGO, 2020.

²¹ GAGO, 2020, p. 23.



atividades e nossos papéis, de suspender os gestos que nos confirmam em estereótipos patriarcais, construímos um contrapoder diante da ofensiva feminicida que sintetiza um cruzamento específico de violências²².

Na próxima seção veremos como a teoria de Spinoza permite pensar a potência, a ação, o desejo e a luta política na greve feminista.

#NosMueveElDeseo: A TEORIA DOS AFETOS EM SPINOZA E A POTÊNCIA FEMINISTA

A “potência feminista” apontada por Gago denota a massividade e a radicalidade de um feminismo que se expande em diversos espaços. Sua força se encontra justamente na capacidade de, a partir de uma preocupação comum, conectar lutas distintas, empreendidas em diferentes territórios²³.

Na terceira parte de sua *Ética*, denominada “a origem e a natureza dos afetos”, Spinoza trata de um tema desvalorizado por outros filósofos, que “não param de proclamar como algo que, além de vão, absurdo e horrendo, opõe-se à razão”. O autor, assim, dirige-se em seu texto “àqueles que, em vez de compreender, preferem abominar ou ridicularizar os afetos e as ações dos homens”²⁴.

Observa-se, portanto, que Spinoza não desqualifica os afetos humanos, diferenciando-se, nesse sentido, das tradições cartesiana e hobbesiana. Os afetos, em sua obra, constituem a matéria prima a partir da qual torna-se possível compreender a vida coletiva²⁵.

Os afetos humanos são, para Spinoza, variáveis e imprevisíveis. Essa variação, na perspectiva hobbesiana, é vista como algo negativo, já que o reino dos afetos seria o âmbito da incerteza ou da violência de todos contra todos. Daí a importância conferida à política do Estado, necessária para organizar as coletividades humanas e seus afetos. Para Descartes, conhecer é afastar-se da vida afetiva, não permitindo que ela interfira no conhecimento do objeto. Spinoza “segue outra direção, conferindo positividade à experiência afetiva humana tanto como uma via para o conhecimento quanto para a política”²⁶.

²² GAGO, 2020, p. 23.

²³ GAGO, 2020.

²⁴ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 97-98.

²⁵ RAUTER, 2013.

²⁶ RAUTER, 2013, p. 153.



O filósofo define o afeto da seguinte forma

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão (Terceira Parte. Definição 3)²⁷.

Em seguida, Spinoza explica que o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, sendo que algumas destas aumentam ou diminuem a potência de agir (Terceira Parte, Postulado 1)²⁸.

As afecções se referem a encontro de corpos, incluindo corpo e mente que, para o filósofo, são aspectos concomitantes, que andam juntos. As afecções são múltiplas pois os indivíduos são múltiplos. Assim, os afetos nunca se cristalizam, são instáveis, imprevisíveis e sempre podem mudar, pois afeto é variação de potência.

Como explica Laurent Bove:

Em primeiro lugar, as *afecções* – ou modificações – do corpo decorrem de seus encontros com outros seres, outros entes, que lhe são exteriores, e com os quais ele entra em relações de conflito, confronto, aliança etc. Esses encontros acarretam modificações na potência de agir de cada um dos envolvidos (de onde a alegria ou a tristeza), e que correspondem simultaneamente, no espírito, a tipos de ideias ou de representações. Ou seja, o afeto é ao mesmo tempo e indissolúvelmente uma afecção ou modificação do corpo, algo sentido como uma sensação, vivência ou experiência, e uma afecção da alma, uma ideia. Para Spinoza, um afeto e uma ideia são duas faces de uma mesma coisa: não se separam, embora possam ser vividos e pensados diferentemente, como dois aspectos de algo idêntico, que é fundamentalmente de ordem corporal²⁹.

Laurent Bove demonstra, ainda, a relação entre potência e força na teoria espinosana: “Falamos de *potência*. Portanto, estamos dentro de relações energéticas, de força: as modificações do corpo são aspectos ligados a forças. As ideias, os afetos, todos estão atravessados por esta ideia de força”³⁰.

A partir desses conceitos iniciais, já é possível pensar a “potência feminista” enquanto capacidade de fazer, instituir, afetar, criar, tendo como referência um corpo que não é apenas individual, mas também coletivo.

²⁷ SPINOZA, 2022, p. 98.

²⁸ SPINOZA, 2022.

²⁹ BOVE, Laurent. Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa: causalidade e esforço sem objeto na Ética III (Capítulo 1). In: **Espinosa e a Psicologia Social**: Ensaios de ontologia política e antropogênese. Belo Horizonte: Autêntica Editora/ Núcleo de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comunicativas em Saúde Pública da Universidade de São Paulo – Nupsi-USP, 2010. (Invenções Democráticas, v. I). p. 29.

³⁰ BOVE, 2010, p. 29.



A análise que Verónica Gago faz das assembleias como lugares de preparação da greve feminista permitem um diálogo com os elementos acima apresentados. Na assembleia temos o encontro corpo a corpo, um chamado ao ato de pensar e estar juntas. Trata-se, para a autora, de um modo de inteligência coletiva, que se manifesta na imaginação de uma ação comum, seguida da avaliação da força que se tem e na capacidade prática de realizar uma decisão coletiva³¹.

Ademais, “em sua insistência temporal, as assembleias produzem a greve como processo político mais do que como um acontecimento isolado no calendário”³². Assim, as assembleias se configuram como uma dimensão espaço-tempo na qual se encontram diferentes experiências, linguagens e expectativas.

Os encontros nas assembleias podem ser pensados por meio da ideia de afecções de Spinoza. Ainda que anteriormente, em outros espaços – inclusive no ambiente virtual – já tenham sido feitas algumas avaliações sobre a situação, nada se compara ao espaço-tempo em que as mulheres se encontram – corpo a corpo – para estar e pensar juntas sobre a greve feminista. Assim, em um processo de elaboração coletiva, no qual é instaurado um novo tipo de racionalidade, a assembleia demonstra sua força, e aumenta a potência de agir.

A assembleia é uma máquina de decisão política que instala outra força soberana: produz condições de escuta cada vez mais escassas em tempos de hipermediatização, e produz também decisão política ao fazer da escuta um processo de elaboração coletiva. Além disso, gera um modo de contabilidade da força que nos permite operacionalizar a decisão, em vez de ficar limitadas à declamação de desejos. Poder de avaliação e potência de ação são duas chaves práticas dos saberes subalternos, dos saberes de assembleia³³.

Alguns pontos podem ser destacados na passagem transcrita acima. Em primeiro lugar, é interessante notar que a autora ressalta a tarefa de operacionalização da decisão coletiva tomada em assembleia, momento que permite ir além da mera declamação de desejos. Nessa perspectiva, o desejo se relaciona com ação, produção e mobilização.

A frase *#NosMueveElDeseo*, para Gago, carrega a ideia de que o desejo tem potência cognitiva. Assim, “o desejo produz conhecimento, percepção, sensibilidade”,

³¹ GAGO, 2020.

³² GAGO, 2020, p. 188.

³³ GAGO, 2020, p. 196.



consistindo na “capacidade política de mobilização e de invenção de trajetórias”³⁴. O verbo “mover”, por sua vez, aponta para a radicalidade do “fazer política feminista”, em um processo de politização da existência que rompe com a divisão e hierarquia entre espaço político e espaço doméstico, a partir da perspectiva de que nenhum aspecto da vida fica fora da política³⁵.

A relação do desejo com a potência faz parte da teoria espinosana. “Mas o desejo é compreendido como potência: não desejo ‘de algo’, mas a própria potência de afirmar a vida e de produzir efeitos”³⁶. Para Spinoza, portanto, “o desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira”³⁷.

Ademais, a autora chama a atenção para o processo de elaboração coletiva existente nas assembleias, que é a força motriz do movimento feminista. Nesse sentido, “conhecer é uma prática política. Uma forma própria do saber feminista é confiar na inteligência coletiva, que é algo mais que a soma de indivíduos e também algo mais que um consenso”³⁸. Assim, a “inteligência coletiva é a que se experimenta em uma assembleia, em uma marcha ou em uma greve, quando nos sentimos parte de um movimento do pensar que é saber prático, encarnado pelos corpos reunidos”³⁹.

Verifica-se, ainda, a associação das expressões “poder de avaliação” e “potência de ação”, o que nos remete à questão já apresentada de que a potência envolve o corpo e a mente. Na teoria espinosana,

[...] tanto a decisão da mente, quanto o apetite e a determinação do corpo são, por natureza, coisas simultâneas, ou melhor, são uma só e mesma coisa, que chamamos decisão quando considerada sob o atributo do pensamento e explicada por si mesma, e determinação, quando considerada sob o atributo da extensão e deduzida das leis do movimento e do repouso [...] (Terceira Parte. Proposição 2)⁴⁰.

Como visto anteriormente, o contexto das assembleias de organização das greves feministas produz um aumento da potência e, conseqüentemente, possibilita o afeto da alegria. “A alegria é definida por Spinoza como a sensação que experimentamos

³⁴ GAGO, 2020, p. 295.

³⁵ GAGO, 2020, p. 295.

³⁶ BOVE, 2010, p. 26.

³⁷ SPINOZA, 2022, p. 140.

³⁸ GAGO, 2020, p. 197.

³⁹ GAGO, 2020, p. 197.

⁴⁰ SPINOZA, 2022, p. 103.



quando nossa potência aumenta, e tristeza é o efeito de um encontro que diminui nossa potência de agir”⁴¹.

Observa-se como alguns mecanismos da mobilização feminista, em especial as consignas utilizadas pelo movimento – #NiUnaMenos, #NosMueveElDeseo, #TrabajadorasSomosTodas – permitem a criação de conexões entre as mulheres, na medida em que articulam passado, presente e futuro, lembrando lutas anteriores e imaginando coletivamente futuros possíveis.

Spinoza não desconsidera a dimensão da imaginação, refletindo acerca dos efeitos que os encontros de corpos deixam na mente da pessoa afetada por esses encontros. Nesse sentido, a imaginação não é algo menor ou inferior, sendo essencial para o coletivo e para a política.

A importância da imaginação fica evidente em diversas proposições da Terceira Parte da *Ética* espinosana. Para o filósofo, “a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo”⁴² (Terceira Parte. Proposição 12).

Em adição, “quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode, por se recordar de coisas que excluem a existência das primeiras”⁴³ (Terceira Parte. Proposição 13).

A utilização – e reutilização – de *slogans*, imagens e consignas nas manifestações feministas consiste em uma forma de fazer com que a luta das mulheres esteja sempre latente na esfera da imaginação. Esses elementos permitem à mente evocar as mobilizações anteriores e sentir seus efeitos no corpo, já que “se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente”⁴⁴ (Terceira Parte. Proposição 11).

A imaginação permite agir, no sentido de novamente aumentar a potência, tendo em vista que “esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a

⁴¹ BOVE, 2010, p. 27.

⁴² SPINOZA, 2022, p. 108.

⁴³ SPINOZA, 2022, p. 108.

⁴⁴ SPINOZA, 2022, p. 106.



isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza”⁴⁵. (Terceira Parte. Proposição 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verónica Gago compreende que vivemos atualmente um momento de contraofensiva – eclesiástica, militar, moral e econômica – na América Latina, uma reação à força demonstrada pelos feminismos na região. Nesse sentido, o giro fascista manifestado no continente nos últimos anos teria relação com a emergência e força dos feminismos recentemente aqui manifestados⁴⁶.

Essa conclusão nos permite pensar o movimento feminista latino-americano como “força constituinte”, como potência capaz de mobilizar territórios, espaços e organizações diversas.

Em termos políticos: afirmar que os feminismos ameaçam e ativam uma dinâmica de desobediências aos poderes estabelecidos, que passam então a tentar contê-los com formas de repressão, disciplinamento e controle em várias escalas. A contraofensiva é um chamado à ordem, e sua agressividade se mede pela percepção da ameaça a que a contraofensiva acredita estar respondendo. Por isso, a feroz reação aos feminismos nos fornece uma leitura a contrapelo, contrária, da força de insubordinação que foi percebida pelo conservadorismo em pleno desenvolvimento das ideias feministas e, ao mesmo tempo, nos revela possibilidades de radicalização⁴⁷.

É relevante destacar que o giro fascista na América Latina vem se fortalecendo em razão do medo da população, fomentado por diversas estratégias, dentre elas a própria utilização equivocada do termo “gênero”. Nesse sentido, a contraofensiva aos feminismos vem empreendendo uma verdadeira cruzada contra a “ideologia de gênero”, associando-a a uma suposta “conspiração” feminista para a destruição da família e da vida.

Como explica Cristina Rauter, em artigo que aborda o medo da criminalidade a partir da Filosofia de Spinoza, “a esperança e o medo são os principais afetos experimentados na vida social, através dos quais o estado civil governa”⁴⁸. Nesse sentido, os políticos – conhecedores dos afetos humanos – utilizam de forma hábil esses

⁴⁵ SPINOZA, 2022, p. 117.

⁴⁶ GAGO, 2020.

⁴⁷ GAGO, 2020, p. 197.

⁴⁸ RAUTER, 2013, p. 157.



dois elementos, cientes de que, “numa situação de medo, os homens podem aceitar um mal menor para evitar um mal maior que imaginam estar por vir”⁴⁹.

O medo, para Spinoza, corresponde à variação para menos da potência, podendo ser considerado, portanto, um dos “afetos tristes”. Assim, “uma das expressões do medo coletivo é o afeto triste de submissão. Quanto pode durar a submissão que [a] experiência do medo coletivo produz? Seria possível escapar dos efeitos produzidos pelas pílulas diárias de medo ministradas pelos meios de comunicação [...]?”⁵⁰

No caso da Argentina, a contraofensiva ganhou um novo capítulo recentemente, quando o candidato de extrema direita Javier Milei foi vencedor nas eleições primárias realizadas no país em 13 de agosto de 2023, tornando-se um dos principais aspirantes à presidência do país. Uma das chaves de leitura para entender a vitória de Milei é relacioná-la à economia cotidiana da Argentina, com seus processos de endividamento para garantir a sobrevivência, o que não impede de associá-la também à reação contra aos avanços feministas recentes⁵¹.

A proposta de Milei, de radicalizar o governo financeiro de nossas vidas, se combina com um discurso reacionário, misógino e patriarcal. A insegurança trazida para o cotidiano lubrifica um discurso sobre a necessidade de ‘se armar’, de se proteger a todo custo. É sabido, mas pouco debatido, que o voto em Milei tem um importante componente masculino e jovem. Isso, em parte, é uma reação aos avanços feministas dos últimos anos, mas também combina a frustração com as incertezas do futuro e a humilhação material cotidiana no presente⁵².

O discurso em torno da ideia de insegurança e da necessidade de se proteger a qualquer custo – da destruição da vida, da família etc. – gera um medo difuso na coletividade, que produz um terreno fértil para governos “fortes”, autoritários e patriarcais.

Todavia, como foi observado, o reino dos afetos caracteriza-se pela imprevisibilidade e, por isso, nem o medo coletivo e nem a esperança podem instalar-se de forma definitiva. Para Spinoza – neste ponto influenciado por Machiavel – um dos afetos nos quais o medo pode se transformar é a revolta e, nesse sentido, sempre existe a possibilidade de um povo superar a sua situação de dominação⁵³.

⁴⁹ RAUTER, 2013, p. 157.

⁵⁰ RAUTER, 2013, p. 152.

⁵¹ GAGO, Verónica; CAVALLERO, Luci. Uma análise feminista da ascensão da direita argentina. **Blog da Editora Elefante**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/uma-analise-feminista-das-eleicoes-argentinas/>. Acesso em: 29 set. 2023.

⁵² GAGO; CAVALLERO, 2023, n.p.

⁵³ RAUTER, 2013.



Mas, como questiona Rauter, “o que impede que o medo se transforme em revolta ou em que condições pode ocorrer essa transformação, uma vez que entre os afetos de medo e revolta existe essa proximidade”?⁵⁴.

É nesse ideal de comodismo por muitos compartilhado, no sonho de viver uma vida sem conflitos, que deveremos buscar as razões pelas quais, não obstante à possibilidade sempre presente de que os afetos humanos se transformem, eles se cristalizem na submissão e no medo por longos períodos. Muitos querem viver protegidos – quer por um emprego seguro, quer por policiais armados, pelas grades de um condomínio... [...] Na perspectiva de Spinoza, o isolamento implicará sempre na redução da sua potência humana, quer individual, quer coletiva⁵⁵.

Espera-se que os feminismos na Argentina atendam ao chamado de “entrar em um estado de alerta coletivo, traçando amplas alianças e militâncias em lares, praças e ruas” e consigam se organizar para impedir os retrocessos no âmbito dos direitos das mulheres⁵⁶.

Como visto anteriormente, um dos sentidos da greve feminista é deslocar o foco da subjetividade das vítimas para a subjetividade que se constitui nas lutas e encontros com outras mulheres. Isso significa retirar as mulheres do estado permanente de luto, o que é plenamente possível já que, na perspectiva espinosana, enquanto estamos vivas temos um grau de potência, e “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”⁵⁷ (Terceira Parte. Proposição 6). Nesse sentido, as coisas não tendem à autodestruição, e “nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior”⁵⁸ (Terceira Parte. Proposição 4). Ademais, “à medida que uma coisa pode destruir uma outra, elas são de natureza contrária, isto é, elas não podem estar no mesmo sujeito”⁵⁹ (Terceira Parte. Proposição 5).

Conclui-se, portanto, que a teoria de Spinoza é importante para pensar a potência, a ação, o desejo e a luta política na greve feminista. Tais conceitos possibilitam analisar as opressões contra a mulher para além da retórica da vitimização, dando ênfase aos momentos de luta coletiva e imaginação de novas possibilidades de vida.

⁵⁴ RAUTER, 2013, p. 159.

⁵⁵ RAUTER, 2013, p. 160.

⁵⁶ GAGO; CAVALLERO, 2023, n.p.

⁵⁷ SPINOZA, 2022, p. 105.

⁵⁸ SPINOZA, 2022, p. 104.

⁵⁹ SPINOZA, 2022, p. 104.



REFERÊNCIAS

BARRANCOS, Dora. Feminismos latino-americanos do século XXI. *In*: BARRANCOS, Dora (org.). **História dos feminismos na América Latina**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 217-266.

BOVE, Laurent. Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa: causalidade e esforço sem objeto na *Ética* III (Capítulo 1). *In*: **Espinosa e a Psicologia Social: Ensaio de ontologia política e antropogênese**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/ Núcleo de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comunicativas em Saúde Pública da Universidade de São Paulo – Nupsi-USP, 2010. (Invenções Democráticas, v. I).

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GAGO, Verónica; CAVALLERO, Luci. Uma análise feminista da ascensão da direita argentina. **Blog da Editora Elefante**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/uma-analise-feminista-das-eleicoes-argentinas/>. Acesso em: 29 set. 2023.

RAUTER, Cristina. Do Medo do Crime à Rebelião: Algumas Indicações para Pensar a Experiência Coletiva Brasileira a partir da Filosofia de Spinoza. **Revista Polis e Psique**, v.3, n. 2, p. 151-161, 2013.

SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. **Kínesis**, v. XII, n. 33, p. 198-212, dez. 2020.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em: 31 out. 2023.

Aceito em: 20 jun. 2024.